

# Boa vida

## Comer Dourada no forno com louro

### Ingredientes:

Para 4 pessoas  
douradas com 250 g cada;  
Q.b. de farinha de trigo;  
4 folhas de louro;  
2 dl de azeite;  
2 cebolas;  
2 tomates;  
4 dentes de alho;  
Q.b. de sal;  
Q.b. de pimenta branca  
moída;  
Batatas cozidas;  
Couves cozidas.

### Confeção:

Depois das douradas esca-  
madas e lavadas temperam-  
-se com sal.

Na cavidade onde estavam  
as tripas, coloque uma fo-  
lha de louro em cada uma.  
Envolve as douradas em fa-  
rinha e um pouco de pi-  
menta. Deixe repousar por  
30 minutos.

Coloca-se azeite no fundo  
de um tabuleiro de forno  
e dispõem-se as douradas.  
Corta-se a cebola às rodela-  
s e os alhos, tomate esmagado  
com a mão sem pele e sem  
sementes, louro e espalha-  
-se sobre o peixe. Junta-se  
ainda um pouco de água e  
leva-se ao forno médio, até  
estar cozinhado.

Acompanhe com a batata  
cozida e as couves. No mo-  
mento de servir regue tudo  
com o próprio molho.

Bom apetite...

**António Nobre**

Chefe executivo de cozinha  
– Hotéis M'AR De AR, Évora



## Jazz

### Adriana Miki “Mulata De Arroz”



#### Adriana Miki – “Mulata de Arroz”

Adriana Miki (voz), Paulo Barros (piano),  
Desidério Lázaro (saxofones tenor e soprano,  
clarinete), Sérgio Crestana (baixo) e Joel  
Silva (bateria) + João Moreira (fliscorne)

Editora: Edição de autor/GDA

Ano: 2012

Nascida em São Paulo e com ascendência japonesa, a cantora Adriana Miki foi exposta desde cedo a ambientes musicais. O pai, físico de formação, sempre foi um apaixonado por música (Ella Fitzgerald, Carmen McRae, Sarah Vaughan e Doris Day eram vozes que se escutavam amiúde lá em casa) e a mãe cantava e tocava violão, embora não profissionalmente. Começou a cantar aos 11 anos de idade, tendo estudado num conservatório paulista, tido aulas de canto lírico e frequentado uma escola de teatro. A residir em Portugal há já alguns anos, Miki lançou o seu disco de estreia, “Sashimiki” (Apria Records), em 2008. Depois de uma digressão de sucesso que a levou aos Estados Unidos, Alemanha, Holanda e Espanha, o disco recebeu o galardão de “Best Latin Jazz CD of 2008”, atribuído pelo programa de rádio “Just Jazz” da WNTI (Nova Iorque). O regresso aos discos acontece quatro anos depois, com “Mulata de Arroz”, no qual surge acompanhada pelo pianista Paulo Barros, o saxofonista e clarinetista Desidério Lázaro, o baixista Sérgio Crestana – que também assume a produção e os arranjos – e o baterista Joel Silva. Com uma voz autêntica (mas nem por isso menos sofisticada) e um timbre apurado – livre de incoerentes trejeitos malabaristas – Adriana Miki navega com igual à vontade pelos territórios do jazz, do samba, da bossa nova, construindo uma identidade vocal particular, que a distancia de outras cantoras. O disco arranca com o dinamismo rítmico de “Tupi na Rede”

(do compositor Leo Minax), que conta com uma excelente prestação do pianista Paulo Barros (com a sua presença segura e ágil na construção harmónica e também em diversos solos, marca decisivamente todas as temas). A atmosfera acalma com a delicadeza de “O Ar pelo Averso” (outra composição de Minax), um dos momentos mais belos de todo o disco, que conta com uma notável intervenção de Desidério Lázaro em saxofone soprano (instrumento em que, disco após disco, vai ganhando pontos). Influências do samba estão bem evidentes no tema-título, no qual a secção rítmica assegura propulsão adequada, acontecendo o mesmo em “Boca”, com o baixo pulsante de Crestana e a bateria irrequieta de Joel Silva em plano de destaque. “Alegriá” (da dupla Miki/Crestana) é uma balada de contornos clássicos e “Carecando” (de Barros) – outros dos píncaros de interesse – revela Miki (a cantar sem palavras) em duelo íntimo com o piano. O disco encerra com uma assertiva versão da popular “Mãe Negra” (com música de Paulo de Carvalho sobre um soberbo poema da subestimada Alda Lara) e a curiosa “Kutsu Ga Naru” (com letra em japonês). “Mulata de Arroz” revela um significativo avanço qualitativo em termos de maturidade e coesão face ao disco de estreia e consubstancia uma proposta que não deixando de ser acessível, é honesta, equilibrada e merecedora de atenção por parte de uma fatia alargada de público.

António Branco

## Letras Os cinemas de Lisboa – um fenómeno urbano do século XX

Que papel tiveram os cinemas no desenvolvimento de Lisboa? Foi a esta questão que a historiadora de arte Margarida Acciaiuoli procurou dar resposta. A obra organiza-se cronologicamente, ou seja, começa pelo princípio, quando o cinema era uma atracção de feira e como entrou nos salões e se sedentarizou e traça-lhe a história, na cidade, até ao fenómeno das multi-salas. Acciaiuoli evoca a história do Animatógrafo do Rossio, do Chiado-Terrasse, do Olympia, dos salões Foz e Central e explica como os teatros foram reconvertidos em cinema antes de analisar o fenómeno do cinema “entre o ‘templo’ e a ‘fábrica’”. Era a época em que o Tivoli queria ser o “salão de festas” da avenida da Liberdade e o Capitólio trazia elegância ao Parque Mayer mas coexistiam com a realidade dos cinemas de bairro. O caso do Cinema Éden, projectado por Cassiano Branco e hoje transformado em hotel, é particularizado antes de uma panorâmica sobre “as grandes catedrais” do cinema – S. Jorge, Monumental, Império – e sua implantação nas grandes artérias urbanas a par de uma análise da actividade da Cinemateca Nacional e dos cineclubes. Antes de o cinema ter sido encafuado nos centros comerciais, Acciaiuoli mostra como se integrou na expansão da cidade: o Alvalade e a avenida de Roma; o Roma e a praça de Londres; o Restelo e a encosta da Ajuda; o Cinema Lumiar e a Calçada de Carriche, além dos cinemas das Linhas de Sintra e Cascais. Conta-se ainda a história dos cinemas estúdio, o caso, singular, do Quarteto e como foram reconfiguradas as grandes salas à medida que iam acabando os cinemas de bairro. A vitória era dos centros comerciais, quando o cinema perdeu dimensão e o negócio das pipocas passou a ser mais rentável que a venda dos bilhetes.

Trata-se de uma obra fundamental para todos os que guardam as memórias do cinema como um lugar de sonhos e recriação de imaginários. A história do último século passou no e pelo cinema. Este livro, documentado com fotos, fixa como o sonho do cinema imaginou a cidade de Lisboa.

Maria do Carmo Piçarra



Margarida Acciaiuoli  
Bizâncio  
384 págs  
19,90 euros